

O País em

O embaixador nos EUA vai

Dív. Externa

QUINTA-FEIRA — 19 DE FEVEREIRO

Economia

moratória técnica

anunciar que o Brasil não pode honrar seus compromissos internacionais

HELIVAL RIOS

O Brasil acaba de entrar em moratória técnica, que se traduz na absoluta impossibilidade de continuar honrando os seus compromissos internacionais. E exatamente isto o que o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira, dirá a autoridades do governo norte-americano e a credores do Brasil no Exterior, por incumbência do próprio presidente José Sarney. O País atravessa novamente uma fase aguda de liquidez em moeda forte, já taxada no governo de black February (fevereiro negro). A única saída para esta situação será a suspensão temporária dos pagamentos do serviço da dívida externa do País.

Mas o governo brasileiro não quer tomar uma decisão unilateral, no que se enquadaria na moratória clássica. Quer que os bancos privados estrangeiros, detentores de 67% da dívida do País, concordem na concessão de um prazo de carência já no pagamento dos juros e das amortizações por um prazo razoável e suficiente para que o Brasil recupere o nível de suas reservas externas e promova os ajustes necessários à sua economia.

A moratória técnica brasileira foi exaustivamente analisada ontem em reuniões de trabalho que contaram com a participação do presidente Sarney, do ministro Dilson Funaro, da Fazenda, do presidente do Banco Central, Francisco Gros, do assessor especial para Assuntos Internacionais do Palácio do Planalto, Rubens Ricupero, e do assessor para Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Alvaro Alencar.

Nestas reuniões, ponderou-se que a declaração de uma moratória unilateral poderia implicar graves consequências para o País, e que o melhor caminho seria o de assumir a moratória técnica e de convocar, em regime de urgência, os banqueiros

privados estrangeiros para um acordo.

O pedido brasileiro de suspensão dos pagamentos, dos juros e das amortizações da dívida externa que o embaixador Marcílio Marques Moreira levou ontem mesmo aos Estados Unidos não deve, ao que se supõe no governo, surpreender a comunidade financeira internacional. E isto porque a incômoda situação de queda acentuada das reservas do País já era conhecida. Há vários dias, o Banco do Brasil vem encontrando sérias dificuldades para fechar suas posições de caixa no exterior, deixando transparecer a situação de iliquidez vivida pelo País.

A vinda súbita do embaixador do Brasil nos Estados Unidos, convocado a Brasília pelo próprio presidente José Sarney, fez com que toda a área econômica vivesse ontem um clima de grande intranquilidade. O embaixador Marcílio Marques Moreira chegou à capital da República na terça-feira, quando jantou com o ministro Dilson Funaro, na residência do ministro, sendo colocado a par dos pormenores de toda a situação brasileira. Por sua vez, o embaixador deu a sua posição e relatou as informações por ele apuradas nos seus contatos nos Estados Unidos. Ontem, o embaixador almoçou com o presidente Sarney, na residência de Rubens Ricupero, e em seguida realizaram uma reunião de trabalho no Palácio da Alvorada. Participou desse encontro o mesmo grupo encarregado de montar a estratégia de condução do problema da dívida externa (além do presidente e do embaixador, o ministro Funaro, Gros, Alencar e Ricupero). A tarde, o embaixador voltou a se encontrar com o presidente, no Palácio do Planalto, de onde conseguiu entrar e sair sem se avistar com o grande número de repórteres que o aguardavam.

Em entrevista coletiva concedida no Palácio do Planalto, o porta-

voz Antônio Frota Neto, ao responder a uma pergunta sobre se o Brasil iria declarar a moratória, ressaltou não existir moratória pre fixada. "É claro — prosseguiu Frota Neto — que num processo de renegociação, na medida em que surge um assunto importante como este, há margem para especulação, que o tempo vai mostrar o que tem e o que não tem fundamento." Em nenhum momento, o porta-voz afastou a possibilidade de o País vir a declarar uma moratória.

Já o ministro Aluísio Alves, da Administração, e que domingo último almoçou com o presidente Sarney no Palácio da Alvorada, reconheceu para **O Estado e JT** que a situação da dívida externa do País é grave. Mas afastou definitivamente a hipótese de declaração de moratória unilateral, no estilo clássico. "Creio que o melhor caminho — e acho que o governo e todas as lideranças políticas concordam — é a negociação. E é isso o que o Brasil vai fazer."

Além de negociar uma saída da crise de liquidez internacional com os banqueiros privados, o governo brasileiro deverá tentar também um maior envolvimento dos governos dos países desenvolvidos. E este envolvimento pode vir desde uma simples gestão junto aos bancos credores, até mesmo à realização de "empréstimos-pontes" para cobrir posições do Banco do Brasil no Exterior.

"Posso dizer que é mentira

Sobre boatos de que o Banco do Brasil não conseguiria fechar, ontem, suas posições na compensação de Nova York, onde tem uma agência, o presidente do banco, Camilo Calazans reagiu assim: "Posso dizer que é mentira, fantasia do black (mercado paralelo do dólar)", acrescentando que, ao contrário, o BB continua gozando de plena confiança dos depositantes norte-americanos.

Brasília/Ag. Estado